

# DE NERUDA A DIÓ - ENTREVISTA COM TIÃO PINHEIRO

Rosana Quadros Santos Leite 1  
Eliane Cristina Testa 2

Graduada em Letras - Português e Inglês e Respectivas Literaturas, na Universidade Federal do Tocantins (UFT); Especialista em Língua Portuguesa e Literatura pela Instituição FAAP; e Graduada em Pedagogia pela Instituição FAIARA. Docente do curso de Letras e Pedagogia da Universidade Estadual do Tocantins (UNITINS). Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Letras – PPG-Letras (UFT), Câmpus Porto Nacional.  
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3410260440902997>.  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1233-4035>.  
E-mail [rosana.quadros@hotmail.com](mailto:rosana.quadros@hotmail.com)

Doutorado em Comunicação e Semiótica (PUC/SP); Mestrado em Letras (UEL/PR). É professora de Literatura Portuguesa do Curso de Letras, da Universidade Federal do Tocantins - UFT/Câmpus de Araguaína.  
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1380068536161923>.  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0863-4297>.  
E-mail: [poetisalia@gmail.com](mailto:poetisalia@gmail.com)

Esta entrevista foi realizada com Tião Pinheiro, por e-mail, no dia 12 de outubro de 2020. Objetiva-se apresentar, de forma breve, a trajetória de vida e a vida literária do escritor tocantinense, tendo em vista a relevância de suas produções para a comunidade acadêmica. Para tanto, inicialmente, segue breve biografia do entrevistado.

O escritor Tião Pinheiro é Membro das Academias Tocantinense (ATL) e Palmense de Letras (APL) e da Academia de Letras e Artes do Nordeste Goiano (Alaneg), com cinco livros publicados: *Alma leve, outros poemas* – (2015); *De Sonhos e de Construção – poemas* – (2008); *Calundu - poemas* – (1989), *Voo Esperança – poemas* – (1984) e *Janelas – poemas* – (1981). Também é compositor, com três discos lançados e músicas gravadas por diversos artistas nacionais.

José Sebastião Pinheiro (Tião Pinheiro) nasceu em Monte Alegre de Goiás, no ano de 1954. Filho de Dionísio Gonçalves de Sousa, Seu Dió, lavrador e músico, e de Zenith Pinheiro de Souza, Dona Nizinha, costureira e funcionária pública, os dois já falecidos. Saiu de casa muito jovem, com quase onze anos de idade, e foi de carona para o estado de São Paulo; retornando, após dois anos, à cidade de Porto Nacional (naquela época, norte goiano), com a finalidade de ingressar no Seminário São José. Depois de cinco anos, mudou-se para Goiânia com a intenção de estudar Jornalismo e Comunicação Social, na Universidade Federal de Goiás (UFG). Iniciou sua carreira no ano de 1978, como revisor na “Folha Goyaz”, em Goiânia (GO). Atua como jornalista desde 1979 no grupo Jaime Câmara. Mora na capital do Estado do Tocantins (Palmas) desde 1997. Tem atuado na área de jornalismo ininterruptamente desde a sua formação acadêmica. Tião Pinheiro é, portanto, jornalista (com quarenta e dois anos de profissão), escritor e compositor, com três discos lançados e músicas gravadas por diversos artistas nacionais, entre eles estão Oswaldo Montenegro, Trio Yucatan, Tropical Trio, Paulinho Pedra Azul, Maria Eugênia, Thales Jr. e artistas estrangeiros, como o franco-argentino Jean Pierre Nohher, a argentina Belén Pasqualini, entre outros. Recebeu o título de cidadão do Tocantins e tem cinco livros de poemas publicados. Sua obra “De sonhos e de construção”, de 2008, foi adotada no processo avaliativo do vestibular da UFT – Universidade Federal do Tocantins, no ano de 2013, confirmando o nome de Tião Pinheiro como um dos autores regionais de referência no Estado do Tocantins. Foi homenageado no 9º Salão do Livro do Tocantins, em 2015, e também recebeu várias homenagens em escolas públicas no estado do Tocantins, Goiás e São Paulo.

Segue a entrevista concedida por Tião Pinheiro.

1) Tião Pinheiro, você poderia contar um pouco sobre a sua infância? Quando e onde nasceu? Há algum fato que tenha marcado a sua infância? Como foi a sua meninice?

Nasci em Monte Alegre de Goiás, no dia 9 de maio de 1954, coincidentemente, era Dia das Mães. De família pobre, mas honrada e de princípios sólidos, fui criado em meio às naturais dificuldades financeiras daquela época. Não sobrava dinheiro, por exemplo, para comprar livros, então eu tinha que “tirar o ponto” (copiar lições) dos alunos mais abastados, daqueles que possuíam livros, para estudar no pouco tempo entre as aulas e os afazeres, como ajudar minha mãe a limpar as dependências do grupo escolar em que eu estudava. Ela trabalhava como porteira e servente, e o meu pai trabalhava na lavoura e na olaria. O que me marcou foi o empenho de minha mãe para que os sete filhos (eram oito, mas um morreu logo cedo) estudassem e fossem pessoas de bem. Minha infância foi com pouco tempo para brincar. Era estudo e trabalho. As brincadeiras, em sua maioria, eram bem rurais, mas nada tenho para reclamar. Foi uma infância saudável, aprendemos a respeitar os pais, os mais velhos, os professores, aprendemos que a ociosidade não deve ter lugar na vida de ninguém e que deveríamos ser honestos, sinceros e trabalhadores. E, claro, tínhamos que estudar.

2) Tião, quando e como você chegou ao Tocantins? Por que o Tocantins? Conte sobre a escolha pelo Estado.

O Tocantins entrou em minha vida antes mesmo da divisão de Goiás e criação do Estado. Depois que terminei o antigo primário, na cidade de Monte Alegre de Goiás (era o que tinha lá naquela época), uma madrinha arranhou uma vaga para estudar no Colégio Salesiano de

Silvânia (GO), mas minha mãe mandou meu irmão mais velho em meu lugar. Fiquei triste, mas obedeci e fui ajudar meu pai na olaria e na lavoura. Então, certo dia, pedi carona a um médico paulista, que tinha fazenda na região, até São Paulo. Eu estava prestes a completar 11 anos de idade, não conhecia nada e achava que a temperatura do mundo era a mesma de minha cidade. Levei calções, umas camisetas e nenhuma blusa de frio para a friorenta Suzano (SP), onde fiquei por dois anos até arrumar carona de volta, para tentar estudar em Porto Nacional, então norte goiano. Naquela época, alguém lá em São Paulo disse que era onde havia um dos melhores colégios do Brasil: o Colégio Sagrado Coração de Jesus das freiras dominicanas. Voltei e fui ao encontro do então Padre Samuel, em Campos Belos (GO), que me arrumou vaga para seminarista no Seminário São José, em Porto Nacional, onde, além de estudar e de ler muito, tomei conhecimento sobre a causa tocantinense. Conheci alguns personagens e fiquei encantado.

Fiquei quase quatro anos como seminarista, saí e fui trabalhar em loja de móveis, em empresa de aviação (Varig) e empresa tratorista agrícola, antes de ir para Goiânia, destino que escolhi por não ter ficado em Brasília, onde o meu então chefe, o professor Florêncio Aires da Silva, conseguiu vaga na Varig depois de descobrir que, em meio à ditadura militar, eu estaria na lista dos “subversivos”, podendo ser preso. Fui contra minha vontade, pois eu estava adorando Porto Nacional.

Em Goiânia, fiz um processo seletivo e ingressei na Varig como subgerente de Aeroporto, saí por não poder conciliar com os estudos, então, comecei a colaborar em suplementos culturais nos jornais locais de Goiânia. Também, fiz o curso técnico de Agrimensura e Jornalismo na Universidade Federal de Goiás (UFG). Iniciei na área de Jornalismo como revisor na Folha de Goyaz, Diários Associados, depois disso, como revisor de páginas, repórter e subeditor de O Popular Grupo Jaime Câmara. Neste local, assumi a Editoria-Geral do Jornal do Tocantins, em 1988, com a criação do Tocantins, onde estou até hoje, com as funções de Coordenador Editorial do Jornal Daqui, bem como Coordenador de Jornalismo das emissoras de rádio CBN Tocantins, de Palmas e Araguaína.

Apaixonado por Tocantins, acompanhei a trajetória do Estado desde antes, bem no início, e ainda hoje. Mudei-me definitivamente para Palmas no ano de 1997. Anteriormente, eu “morava” em hotéis e sem família por perto.

3) Conte-nos sobre como “nasceu” o escritor literário. De onde veio esse interesse, como e onde sua carreira literária teve início?

Sempre gostei de ler. Lia os textos literários dos livros de colegas, de quem eu copiava para estudar depois, porque não tinha livros. Mais tarde, em São Paulo, na casa do médico que me levou, havia um quarto cheio de revistas velhas e me debrucei sobre elas. Em Porto Nacional, fui ao delírio quando conheci as bibliotecas do seminário e do colégio, e me falaram que eu podia ler o que quisesse. E era de graça!

Nas redações temáticas solicitadas pelos professores, na maioria das vezes, em vez de dissertação, eu fazia versos. Havia professor que, de início, não entendia e até me dava nota baixa. No entanto, depois, percebendo que era uma vocação minha, “corrigia” a avaliação. Um dia, minha saudosa professora do primário, dona Onezina Galvão, revelou que minha estreia na literatura foi uma “redação” para o Dia das Mães, que fiz em versos.

4) Quais autores serviram de referência e foram fundamentais em sua trajetória literária?

O primeiro a me impressionar foi Carlos Drummond de Andrade. Lia os textos dele nos livros de gramática. Fiquei encantado! No entanto, só fui ler mais coisas dele depois que saí de casa, quando estava já em Porto Nacional. No decorrer, vieram outros que mexeram comigo, tais como: Thiago de Mello, Fernando Pessoa, Jorge Luís Borges, Rainer Maria Rilke, Brasigóis Felício, e por aí vai. Adoro o tocantinense Pedro Tierra (Hamilton Pereira), um dos grandes poetas brasileiros vivos.

5) Sabemos que você exerce o jornalismo há mais de quarenta e dois anos, certamente, é um tempo considerável. O que o jornalismo significa para você? Quais foram as contribuições do jornalista Tião Pinheiro para o autor literário Tião Pinheiro?

Eu sempre soube que seria jornalista. Mesmo antes de saber o que era isso. Amo o Jornalismo, dediquei a maior parte de minha vida a esta área. Com o seu leque de abrangência,

a profissão sempre me ajudou na literatura. Costumo dizer que a “parabólica”, que é o Jornalismo, abre horizontes, olhares, sentimentos e vivências, que formam um rico material para o exercício poético. Uso muito em minha poesia vivências no jornalismo, na aviação e até na Agrimensura.

6) Como compositor, você tem três discos de música lançados: “Chave” (1999); “Lugares” (2008), disco duplo; “Alma leve – Outros Cantos” (2015), disco duplo. Conte-nos um pouco sobre o seu percurso e sobre suas vivências como compositor musical.

Durante mais de 20 anos, em coberturas jornalísticas em Goiânia, cobri a área musical também. Foi o período em que tive contatos com muitos artistas, compositores, cantores, instrumentistas. Eu já havia feito músicas (letra e música) quando morava em Porto Nacional, onde ganhei festivais musicais, mas fiquei surpreso quando meus poemas começaram a ser musicados em Goiânia. Os primeiros parceiros foram Valter Mustafé, Odilon Carlos, Luiz Augusto e Lucas Faria. Hoje, são muitos parceiros de Goiás, Tocantins, Minas Gerais, São Paulo, Rio Grande do Sul, Paraíba e até do Chile. Já lancei três discos e estou preparando o quarto.

7) Muitos pensadores da poesia, como Philadelpho Menezes, por exemplo, discutem os limites entre poesia e música. Como você analisa esses “limites”? Existem limites, de fato?

Vejo a poesia e a música como complementares. A música tem o poder de tirar a poesia do papel, da tela, e dar a ela dimensões sonoras, vibrações, asas.

8) Tião, o que a poesia representa para você?

Considerarei um exagero, certa vez, quando ouvi de um poeta, lá em Goiânia, que, se ficasse sem escrever, ele morreria. Depois de tanto tempo, de minhas tentativas poéticas, não me imagino sem a poesia. A cada verso, a cada poema, é um alívio, uma satisfação, algo inexplicável. Não é por acaso que “driblo” a falta de tempo causada pelo Jornalismo com madrugadas sem dormir, mas nos braços e nas asas da poesia. A poesia, hoje, é alimento fundamental, é desanuviar, é alento.

9) Em seus livros “De sonhos e de Construção” e “Alma Leve”, percebemos a predominância dos temas saudade, amor e família. Em que medida o cotidiano influencia na sua criação literária e musical? Por que você “escolhe” falar de temáticas que nos atravessam cotidianamente?

Entendo que as vivências minhas e as dos outros são elementos sobre os quais o poeta lança seus olhares. Assim, o jornalismo dá acesso a vivências e a sentimentos de muitos. E, nessas vivências, gosto muito do dia a dia, da alma, de gente. Com seus sonhos, desilusões, alegrias, tristezas, mas, antes de tudo, com renasceres, com novas luzes, novos sonhos. Em minha poesia, minha tentativa é de que ela não se encerre na dor, mas sim no alívio.

10) Tião, sabemos que grandes nomes do meio musical, a exemplo de Oswaldo Montenegro, Trio Yucatan, Tropical Trio, Paulinho Pedra Azul, Maria Eugênia, só para citar alguns, já gravaram suas canções. Como ocorreram essas parcerias no Brasil e na América Latina?

Acredito que isso está associado aos queridos parceiros. No caso do Oswaldo Montenegro, por exemplo, que não só gravou a canção “De Passagem”, mas também nomeou um disco seu com este título. A canção é uma parceria minha com o saudoso J. Bulhões e com Léo Pinheiro, este, um amigo que trabalhou muitos anos com Oswaldo e tomou conhecimento de nossas composições. O gaúcho Broder Bastos mora na Argentina há vários anos, por intermédio dele, alguns cantores e o ator francês Jean Pierre Noher chegaram à nossa música. Também, a argentina Belén Pasqualini, entre outros. Paulinho Pedra Azul, Maria Eugênia, Tom Chris, Trio Yucatán, dentre outros, são amigos queridos que gravaram músicas nossas e também já integraram repertórios de shows de vários artistas.

11) Atualmente, Tião, falar em leitura é pensar sobre as diferentes mídias e/ou suportes e plataformas digitais. Você já se inseriu nesse “novo mundo”? Você poderia dizer o que pensa desses “novos” formatos de acesso ao livro ou à leitura literária? O que muda para o leitor e para o autor a partir dessas novas tecnologias e acessos?

As novas tecnologias, principalmente a partir da pandemia da Covid-19, mudaram o jeito de produzir e de consumir a arte. Os formatos novos são mais abrangentes, mais práticos. Neste momento, em que preparo os lançamentos do novo livro e disco, por exemplo, estou um pouco tardiamente colocando minha poesia, bem como minha música, nas plataformas

digitais. Isso é realidade e não tem como fugir.

12) E, por último, Tião, você poderia contar se há algum novo projeto (literário ou não) em andamento?

Sim, cuido das edições de meu sexto livro de poemas – “Amorosamente”, selecionado no Edital Promic da Fundação Cultural de Palmas – e do quarto disco – o CD duplo (e talvez triplo) “Tempo ao Tempo”. Os lançamentos vão depender da situação da pandemia. Quero que sejam presenciais, pois eles acabam funcionando como celebração de amigos e de arte.

Tião Pinheiro, agradecemos imensamente a entrevista!

Eu que agradeço o interesse em meu trabalho. Sucesso a vocês e um abraço carinhoso!

Recebido em 06 de novembro de 2020

Aceito em 17 de março de 2021